

# O VALOR DO TRABALHO E O VALOR DO TRABALHO DA MULHER

## THE VALUE OF WORK AND THE VALUE OF WOMEN'S WORK

### Resumo

Este artigo aborda o tema das desigualdades de percepção do trabalho feito pelos homens e pelas mulheres. Nosso objetivo aqui é problematizar diferentes motivações e significados para o trabalho assalariado das mulheres. Além disso, questionamos como a rotina de trabalho remunerado modifica as relações das mulheres com o marido e com ela mesma. Sugerindo que a rotina de trabalho assalariado está ligada a processos gradativos de tomada de consciência de quem elas são e do que podem esperar da vida conjugal e pessoal. Este artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída no ano 2012, de ordem qualitativa, mediante um período prolongado de vivência etnográfica, coletamos os dados necessários para fundamentar a análise sociocientífica do fenômeno aqui referido.

**Palavras-chave:** Trabalho feminino. Trabalho doméstico. Mulheres.

### Abstract

This article addresses the inequalities in the perception of work done by men and women. Our purpose here is to problematize different motivations and meanings for the wage labor of women. In addition, we question how the paid work routine modifies women's relationships with their husbands and with herself. Suggesting that the wage-labor routine is linked to gradual processes of awareness of who they are and what they can expect from marital and personal life. This article is about a snippet of a masters survey completed in 2012, of qualitative order, through a prolonged period of ethnographic experience, which we collected the data necessary to base the socio-scientific analysis of the phenomenon referred to here.

**Keywords:** Female work. Housework. Women.

---

**Hosana Suelen Justino Rodrigues**

Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande.

E-mail: [suelenhosana@gmail.com](mailto:suelenhosana@gmail.com)

**Jesus Izquierdo**

Professor do programa de Pós-graduação em Ciências Sociais UFCG.

E-mail: [jizvil@yahoo.com.br](mailto:jizvil@yahoo.com.br)

## Introdução

Eu sofri muito em minha vida para estar onde estou. Sempre me ocupei com algumas coisas. Vendia produtos nas casas das pessoas, trabalhei na casa dos outros, hoje eu tenho meu emprego e agradeço à Deus, por poder criar meus filhos com dignidade, ter minha casa e gostar da vida que eu levo. Tudo o que eu tenho na minha vida eu construí com meu esforço. (Dona Martha, cozinheira).

Trabalhar fora de casa faz parte da rotina de inúmeras mulheres nordestinas e do mundo. Com variadas funções, horários, metas, salários e conflitos que envolvem a sua prática de trabalho. A decisão de trabalhar fora segue várias motivações e significados para as diferentes mulheres. Na rotina social atual vemos como banal o fato de uma mulher ter uma ocupação assalariada fora de casa e cuidar da casa e dos filhos. Contudo, se olharmos para o passado veremos que não era bem assim. A fala de Dona Martha, surge de um universo de mulheres que no Brasil, desde os anos 1930 vem dividindo o seu tempo, desejos e esforços para ingressar e permanecer no mercado de trabalho, como podemos ver em diversas pesquisas, a exemplo de DONZELOT (1986), BRUSCHINI (1990, 1996, 2000, 2006, 2007, 2009). HIRATA (2001, 2007, 2016), MADALOZO (2010, 2017), VAISTMAN (1994).

Para apreender o que ocorre com as mulheres casadas, pobres e da periferia após a entrada no mercado de trabalho formal, realizamos uma pesquisa qualitativa para dar maior atenção aos detalhes sutis que este campo em específico nos oferece. A partir da coleta de dados por meio da observação de mulheres que trabalham numa escola da rede pública de ensino de Campina Grande-PB, chegamos a uma rede de várias mulheres que circulavam nessa escola, como funcionárias: professoras, cozinheiras, serventes, disciplinadoras, alunas e mães de alunas. Escolhemos dentre esse universo de mulheres o *lócus* das servidoras estaduais que trabalham com contratos temporários, que recebem um salário mínimo por 20 horas semanais de serviço. Mulheres que se encaixam nas funções de auxiliar de cozinha, merendeira, cozinheira, serviços gerais e disciplinadoras.

O campo ocorreu por dez meses<sup>1</sup>, contando com a experiência de participar dos círculos de conversas entre elas, durante o seu turno de trabalho na escola. Os dados foram colhidos por meio de conversas informais, diário de campo com as anotações dos diálogos entre elas e suas amigas e também entrevistas semiestruturadas realizadas no âmbito da escola, nas horas vagas de serviço. A opção por uma escola como espaço social de coleta de dados ocorreu por ser um ambiente rico em vida social, que oferece um fácil acesso a inclusão de uma pesquisa empírica, e também por concentrar em um lugar várias mulheres com trajetórias de vida semelhantes dentro de uma mesma geração.

No grupo das mulheres que trabalham na escola, percebemos que elas partilham de aspectos semelhantes: se afirmam como mulheres pobres, de baixa escolaridade, casadas, com filhos, que dividem seu tempo entre as atividades do lar e o trabalho formal na escola, se sentem vitoriosas e pertencentes a um grupo distinto de mulheres por ter um trabalho que a remunere e que seja executado dentro do período de 20 horas semanais.

No processo de acompanhamento das experiências com essas mulheres percebe-se que há entre elas uma rede de solidariedade, conselhos, fofocas, apoio, cumplicidade, afetividade, intrigas que as unem e dispersam conhecimentos sobre a vida práticas delas e também sobre as trajetórias de vida de cada uma. Ouvir as conversas delas compõe uma experiência etnográfica muito rica para perceber como elas veem a si mesmas e como elas se projetam em diversas situações sociais. Uma vez que, os diálogos entre elas traziam as falas de personagens que faz parte de rotina familiar e social dessas mulheres: maridos, filhos, mães, sogras, cunhadas, vizinhas, amigas e até pessoas que já morreram, mas que ainda continuam a influenciar as decisões e opiniões dessas mulheres.

No roteiro das entrevistas e conversas informais o objetivo principal que norteou as falas foi sobre os conflitos e desigualdades que possuem com os cônjuges para manter a rotina pessoal, social e profissional. Além de buscar perceber a visão delas sobre as diferenças entre o trabalho doméstico e o trabalho formal. Esses pontos nos levaram a indicações de como o trabalho fora de casa

<sup>1</sup> Durante os meses de fevereiro a novembro de 2011. Fizeram parte do recorte vinte e cinco mulheres, divididas entre os turnos de trabalho da manhã e da tarde da rotina escolar.

expande a capacidade dessas mulheres de se projetarem para uma autovalorização de suas ações, de quem elas são e de oferecer recursos financeiros. Nas relações com os maridos, provoca posturas de confiança, sugerindo processos gradativos de tomada de consciência de quem elas são e do que podem esperar da vida conjugal e pessoal. Mudando as posturas delas em relação a como lidam com as relações com os maridos, com a rotina e com a casa.

Diante disso, este artigo pretende contribuir na constatação de processos sociais longos, lentos e gradativos que ocorrem modificando o modo com as mulheres se relacionam com os homens. Focamos também em como o uso do tempo para o trabalho remunerado contribui para que tenha acesso a um novo conhecimento sobre a vida prática das relações desiguais de poder. E de acordo com a trajetória de suas vidas vão surgindo situações em que vão se tornando conscientes dos valores que possuem e do que podem ter para suas vidas e famílias. Paulatinamente, elas vão abrindo espaços para sutis mudanças sociais em prol de uma relação mais consciente dos desafios de poder com maridos e filhos.

Dentro da literatura que aborda questões de gênero e desigualdades de poder entre homens e mulheres há uma tendência à dissolução do pensamento binário entre homens e mulheres. Pesquisas e teorias que chamam à atenção para a urgência do fim de rótulos como o trabalho doméstico como prioridade feminina e ao mesmo tempo alertam para o questionamento dos pares binários público e privado, casa e a rua, passivo e ativo, submisso e dominador que fazem parte das nomenclaturas usadas para rotular posturas vividas entre homens e mulheres. Vale pontuar que gradativamente percebemos avanços em alguns grupos em situações específicas. Mas que mudar as condições culturais da sociedade é um processo que não ocorre rapidamente.

Antes dos debates do movimento feminista, a sociologia percebia a família como uma instituição social que tem como função primordial a socialização das crianças e a reprodução de valores ideológicos e culturais<sup>2</sup>. As Ciências Sociais tinham a percepção da família como uma instituição homogênea, onde existia um modelo padrão de

2 Processo no qual as crianças passam a ser inseridas na vida social gradativamente. Giddens (2005) afirma que somos socializados quando internalizamos as coerções sociais. Este é o processo que transforma os seres para viver em sociedade com competências para se comportar de maneira aceitável.

família. Os objetos sociológicos e antropológicos ligados à família enfatizavam a perspectiva das relações de parentesco, as linhagens de consanguinidade e o incesto. O tipo de família conjugal era tido como o legítimo modelo de família<sup>3</sup>.

Partimos do pressuposto de que existem diversos modos de se constituir uma família, rejeitamos assim um modelo fixo de família, seja ela nuclear (pai, mãe e filhos) ou de uma família patriarcal extensa como foi predominante no universo da elite agrária do Brasil no período dos engenhos e dos coronéis<sup>4</sup>. A vida social é mais dinâmica do que padrões pré-definidos. As famílias as quais as mulheres da pesquisa fazem parte são formadas por laços de afeto, consanguinidade, econômicos, valores sociais, entre outros. O recorte de quem pertence e faz parte de suas famílias são delineadas pelas próprias interlocutoras nos relatos de suas histórias de vida.

Em certa medida, a dinâmica das relações sociais de família e de gênero tem passado por um processo bastante significativo de mudanças. Podemos apontar como o começo desse processo o movimento das “mulheres” na revolução francesa, movimento esse que alcançou seu ápice nas marchas do movimento feminista espalhadas pelo mundo. Como expressão do auge desse processo podemos destacar os anos de 1960, os quais são considerados um marco para a compreensão das relações de família e de gênero. Na década de 1960, as feministas surgem como um movimento social que reivindica melhorias de vida para as mulheres. Com isso, gera-se uma discussão em torno da invisibilidade do trabalho

3 Os outros modelos que, por conseguinte, coexistissem na época, eram interpretados dentro das Ciências Sociais como desvios ou disfunções sociais. A sociologia vendo a família por esta perspectiva negligenciava as relações de poder existentes dentro da organização social.

4 Segundo Heloisa Buarque de Almeida (2004), mesmo no período agrícola brasileiro (até meados dos anos 1960) podíamos notar a presença de outros arranjos familiares, isto é, no Brasil havia famílias patriarcais na elite agrária, mas também toda uma possibilidade de famílias compostas pelo restante da população de escravos, agregados e pessoas de poucas posses. Para Almeida (2004), o modelo de família nuclear não da conta da diversidade das famílias brasileiras. Vale pontuar também que a ideia de que no Brasil predominou por um tempo o modelo de família patriarcal que foi sendo substituído pelo nuclear após a modernização e urbanização do país, também é algo que já foi relativizado, entre os teóricos dos estudos de gênero e família. Por fim, não devemos referenciar para fins desta pesquisa a família dentro das categorias fixas de nuclear ou extensa, e nem ligar a ideia de família extensa a um “tradicionalismo” moldada por regras religiosas, se opondo a famílias nucleares frutos da vida “moderna” correspondendo a valores seculares.

doméstico e as mulheres começam a entrar nos bastidores das lutas sociais por melhores espaços dentro do mercado de trabalho, da cultura e da política, ao mesmo tempo em que alcançaram maior liberdade sexual e maiores possibilidades de transformação da sua identidade<sup>5</sup>. Para isso houve várias manifestações das mulheres para conseguirem melhores condições de vida, de trabalho, de liberdade, entre outras.

### Complexidade do valor do trabalho

Tomando um café à tarde na cozinha da escola testemunhei um relato eufórico e inquietante de umas das serventes que relatava para as amigas da cozinha enquanto terminavam de preparar os lanches para os alunos e conversavam sobre suas vidas:

Lá em casa ontem foi maior confusão. De manhã eu fui à reunião dos pais na escola, aproveitei para passar no posto de saúde, e fui correndo para casa para ajeitar o almoço para poder vir para cá. Chego em casa seis à noite cansada, uma pia de louças, roupa para engomar, menino doente dando trabalho, e a beleza do meu marido ainda fica todo irritado pois a janta não tava como ele queria. Não dá não! As coisas tem que mudar! Cadê que ele me ajuda? Só ajuda se eu falar, falar, falar. Ele tem que tomar jeito! Da mesma forma que eu moro na casa, ele também mora. (Raquel, servente de cozinha)

Diálogo bastante expressivo da rotina de várias mulheres que enfrentam o peso de levar uma vida com várias atividades. É notório como esse relato se encaixa na vida de várias mulheres que pertencem ao mercado de trabalho e possuem famílias e vida social para administrar. Falas como essas sugerem as diferenças de como as rotinas domésticas de homens e mulheres são. Mas qual deve ser a nossa postura analítica diante de comportamentos, modos de viver e de enfrentar as situações corriqueiras de manutenção da vida de um indivíduo na sua família?

Joan Scott (1990) renomada historiadora e estudiosa das questões de gênero e de desigualdade entre

5 A transformação da identidade feminina ocorreu de maneira significativa em decorrência da reconfiguração de seu próprio contexto social, o qual trouxe à mulher para o mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que se expandiam as escolas e cursos profissionalizantes em busca de mão-de-obra qualificada.

homens e mulheres afirma que os comportamentos que apresentamos são construídos socialmente e de forma específica, diferenciando homens de mulheres. Disso deduzimos que o modo de viver, pensar e sentir que o gênero social nos impõe se legitima por meio de relações sociais que perpassam situações de classe, etnia, raça, entre outros fatores que podem influenciar na nossa identidade de gênero.

O modo de pensar de Scott (1990) é um atrativo para olharmos as diferenças, desigualdades, oposições, que os comportamentos de homens e mulheres apresentam. No depoimento de Raquel, percebemos como a dinâmica da vida familiar é afetada pela rotina das mulheres no mercado de trabalho. Resgatando a história social sabemos que a inclusão da mulher ocorreu para satisfazer as necessidades do mercado de trabalho no momento de sua expansão<sup>6</sup>, e que ao longo dos anos elas foram assumindo funções cada vez mais diversas, mas até hoje, ainda, é majoritário o número de mulheres que estão condicionadas aos setores de serviços que são atividades remuneradas mais próximas das atividades que as mulheres já realizam em suas casas.

Os depoimentos acima são apenas dois exemplos que demonstram que as mulheres entram e se mantêm no mercado de trabalho por diversos motivos. Neste artigo, apontaremos recortes de falas de trajetórias de mulheres que foram recorrentes em toda a pesquisa de campo. Com o objetivo de problematizar diferentes motivações para o trabalho assalariado das mulheres e de como a rotina de trabalho remunerado modifica as suas relações com o marido e com ela mesma.

### a) Impacto do trabalho assalariado feminino no modo de perceber as atividades domésticas

Para as mulheres do campo empírico da periferia de Campina Grande, ainda existe uma longa agenda de conquistas para chegarem ao estilo de vida em que um trabalho feito por uma mulher, seja ele na rotina do seu lar ou prestado fora dela, com fins de produção de renda tenham a mesma importância do trabalho remunerado ou de qualquer atividade que os homens executem dentro e fora do lar. Cibebe, que é prestadora de serviços

6 No Brasil foi durante a década de 1970 que a industrialização se expandiu atraindo as mulheres para o mercado de trabalho. Esse fato modificou a dinâmica familiar e até hoje percebemos a repadronização dos papéis familiares dentro da família. (VAISTMAN, 1994).

gerais, conta que a renda que recebe do seu trabalho é fundamental para que as contas da família sejam pagas em dia. Fala com orgulho como a garantia de receber todo fim do mês o salário cria várias expectativas de consumo para a sua casa. Relata com alegria a televisão nova que comprou em seis prestações e dos planos para um fogão assim que termine essa dívida. Percebemos que para Cibele o trabalho gera renda que é muito importante para a manutenção das atividades básicas da família e ainda para adquirir bens duráveis.

Porém, para que ela desfrute do fogão novo, de farda para os filhos e dos seus cosméticos, ela tem que trabalhar para ter renda para tudo isso. Pertencente a uma família em que o marido ganha aproximadamente um salário mínimo, o consumo desses itens tornou-se de responsabilidade do salário dela. Então, mesmo que ela tenha que conciliar os serviços diários na sua casa, lavar, passar, cozinhar, cuidar da higiene e educação das crianças, entre outras, ela prefere ter uma rotina puxada de atividades do que ficar sem consumir esses produtos.

Questionada como é a relação dela com o marido ela relata lembranças de tempos em que não conseguia emprego e que tinha que pegar as refeições de almoço e jantar na casa de sua mãe, pois, sua família não tinha dinheiro para fazer todas as refeições do mês. Para ela, o salário mensal é uma conquista que põe fim ao constrangimento de não poder manter as necessidades mais básicas da família. Ela inicia a resposta com essa introdução para justificar a situação atual como melhor do que antes. Ter renda para prover as suas necessidades básicas ofusca a obrigatoriedade do trabalho doméstico para ela.

Cibele relata, nesse fato, um fenômeno que é comum às histórias das outras entrevistadas. Elas entendem que as atividades de manutenção domésticas somadas ao trabalho remunerado e a criação de filhos gera uma sobrecarga. Mas viver esse acúmulo de atividades é melhor do que uma vida de dificuldades financeiras. É o “preço” que ela paga, porém, ela somente não percebe que poderia fazer isso incluindo os outros membros de sua família. Neste contexto, a atividade remunerada representa a sobrevivência do núcleo familiar, dando a eles condições mínimas de arcar com os gastos de comida e moradia.

Não podemos deixar de apontar neste depoimento que Cibele entende que o seu salário é complementar

a renda do marido. Visão essa que segundo Nancer e Fraser (2009) é de origem do capitalismo desde o período fordista (1950-60). Elas apontam que o sistema capitalista idealiza um cidadão protótipo que é masculino, chefe de sua família capaz de sustentar a esposa e filhos. A renda produzida pelas mulheres deveriam ser inferiores por que a sua contribuição de renda é apenas complementar. E ainda, seria de seu encargo as atividades que envolvessem a casa e a criação dos filhos como prioridade e não o trabalho assalariado.

Dentro das relações de poder entre homens e mulheres, a crítica à sobrecarga de trabalho das mulheres é uma agenda constante que busca conscientizar que as atividades de manutenção familiar tem que passar por uma reforma que divida democraticamente as rotinas. Nas falas destas mulheres, notamos que elas sentem o peso de horas de trabalho em casa somadas as horas de trabalho remunerado. Contudo, os relatos como esse de Cibele sugerem que a motivação que a faz suportar é por que esse trabalho gera renda e esta gera valor simbólico para sua família. A renda traz a representação da autonomia familiar, “estabilidade” financeira, comida à mesa, contas pagas, poder de consumo para si e para sua família, mesmo que seja pouco, mas se encaixa nas expectativas modestas que ela e o marido têm para sua família.

O que motiva o seu trabalho fora de casa é o peso que ela agrega ao status da sua família. A questão do sustento econômico da família é fator preponderante para manter um padrão social que ela valoriza para sua vida. Na percepção de mulheres com a mentalidade de Cibele, há uma naturalização do trabalho doméstico como feminino, não chegando a fazer pauta dos seus pensamentos críticos e ações a fim de buscar uma divisão igualitária das atividades domésticas. O trabalho doméstico quando é feito pela dona da casa dentro da família não é visto como uma carga ou uma obrigação que os outros membros impõem a ela. É algo dado a priori como natural. É uma extensão do papel de mulher, que não causa nenhum incômodo aos outros membros da casa. Além disso, as atividades domésticas não são encaradas como uma atividade econômica produtiva que esta mulher ou filhos e maridos venham a fazer como algo que gera uma economia (renda) ao lar. Apenas percebe-se o impacto financeiro destas atividades quando se insere outra pessoa, para executá-las dando uma roupagem diferente, o de uma

atividade remunerada<sup>7</sup>.

Sabemos que o trabalho da rotina do lar é desvalorizado, tendo isso em vista, Cynthia Sarti (1996) sugere uma problematização dessa ideia. Digamos que se fossemos pensar o trabalho doméstico como fator de geração de renda da família. Se assim fosse, teríamos que pagar a mulher todos os serviços que ela presta aos seus. Diante disso, ela teria uma boa parcela de contribuição na renda familiar. Pois se fossemos considerar o trabalho dela como gerador de renda, com todos os direitos trabalhistas, custaria caro ter uma empregada à disposição da família, todos os dias, sem férias, nem feriados ou fins de semana, sem contar com todas as horas extras incluídas. Diante dessa reflexão criativa vemos como o trabalho doméstico é percebido como desqualificado, por ele não ser considerado pelo senso comum como um trabalho. Porém, devemos ter cuidado quanto a essas afirmações para que não transpareça que o trabalho doméstico visto como renda familiar seria também sinônimo de atribuição apenas feminina, e assim reforçar o caráter binário das relações de gênero. Ele é um trabalho como outro qualquer, que requer tempo e especialidade para executar as suas diversidades com eficiência e gerenciamento do tempo.

Diante do exposto, a obrigação do trabalho para a manutenção da casa como exclusivo da mulher deveria ser uma crítica feita por todas as mulheres. Contudo, devido a padronização de pensamentos por meio da estrutura social, não há incentivos a esse tipo de reflexão, embora que em alguns círculos sociais haja uma abordagem desse tema, a promoção da consciência capaz de transformar as relações intrafamiliares ainda parece ser pouca, ou de ação superficial. O questionamento que as atividades de rotina do lar favorecem a todos que moram na casa, e sendo assim, se todos são beneficiados todos deveriam colaborar é algo que poucas das nossas entrevistadas colocaram como pautas de conquistas que desejam para suas famílias.

A naturalização do feminino ligado a essas tarefas vem do sistema capitalista que valoriza o público porque gera renda e invisibiliza o privado com a ideia de parecer uma inatividade econômica. Esse pensamento colabora com a invisibilidade das atividades ligadas ao

<sup>7</sup> Segundo a lei 5859 de 11/12/1972 se entende o emprego doméstico como “atividade econômica, na qual se situam indivíduos que prestam serviços remunerados de natureza não lucrativa a pessoas ou famílias em suas residências.”

âmbito da vida privada, isto é, as atividades rotineiras realizadas pelas mulheres. Embora que isso aos poucos venha sendo contestado com avanços sutis, como a PEC das domésticas (Emenda Constitucional número 72) que regulamenta as atividades da empregada doméstica como uma profissão que como qualquer outra possuindo vários direitos e deveres.

## **b) Em busca de uma divisão igualitária de tarefas**

A tarefa da análise sociocientífica é questionar o que é considerado trabalho doméstico e as sutilezas em torno das “obrigações” sociais de tais tarefas. O saber tradicional apontou o serviço doméstico como uma obrigação apenas das mulheres e não reconheceu as atividades cotidianas domésticas como um “trabalho” como qualquer outro. Esta não percepção dos serviços domésticos como trabalho, em parte, foi consequência do processo de industrialização que colocou na invisibilidade todas as atividades humanas que não fossem remuneradas e que não estivessem voltadas para o mercado. Por outra parte, as teorias feministas passaram também a questionar o modelo da Divisão Sexual do Trabalho e de como ele afeta a reprodução de formas de vida familiar. A Divisão Sexual do Trabalho demarca as funções próprias a serem exercidas pelo masculino e o feminino, fornecendo mais valor aquilo que era considerado como masculino (HIRATA, 2007). Questionou também certos posicionamentos sociológicos que percebiam as interações sociais dentro da família como “harmoniosas” e “igualitárias” e passaram a dar ênfase nas interações de poder dentro das relações de gênero.

Para além das diferenças das atividades remuneradas e do valor gerados por elas independente de serem legitimadas pela a maioria da sociedade ou não, é fato que algumas mulheres afirmam que estão cansadas dessa obrigatoriedade. Todavia, na vida prática, segundo os relatos das depoentes elas não investem em ações para mudar essa realidade. E quando começam a promover uma mudança logo desistem. Elas afirmam que até tentam ensinar a cozinhar ou a fazer uma limpeza no banheiro, mas afirmam que terminam se cansado por que “eles não fazem como nós!”, “Termina ficando mal feito e eu vou lá lavar de novo!”, “Tenho paciência não de ensinar, perco

um tempão para mostrar como faz e ainda dizer para que serve as coisas”.

Como vimos nesse relato à questão da possibilidade da democratização das atividades domésticas é muito complicada por que envolve mudar anos de um comportamento aprendido e imposto como legítimo a toda a sociedade. Aprender e ser eficiente nestas tarefas requer um tempo para se aperfeiçoar a fazer as atividades com destreza, mas isso também não é desculpa para não fazê-las. A rotina dos trabalhadores masculino e feminino da classe média chega a ser bem semelhante para ambos os gêneros durante o dia, no desprendimento de forças físicas, horários e responsabilidades. As horas de trabalho, a complexidade das tarefas, entre outros aspectos. Uma depoente afirmou:

A rotina das mulheres que trabalham é bem diferente das vividas por homens que também trabalham fora. Está muito longe das mulheres serem iguais aos homens dentro de casa, porque ser igual ao homem é chegar a casa, jantar e assistir televisão e não ter nada para se preocupar.

Diante do exposto, temos entre as depoentes exemplos de mulheres que transformaram maridos e filhos em compromissados com as atividades de manutenção do lar. Eles agem com responsabilidade, inclusive colocando como atividades a serem feitas no dia, assim como as mulheres fazem. Esse aprendizado deixa essas atividades como sendo as atividades pertencentes à família. As depoentes que possuem uma rotina doméstica mais igualitária são aquelas que casaram com homens que já se “viravam” de alguma forma antes de casarem-se. E desde o início do casamento ou do nascer do primeiro filho, eles assumiram cada vez mais o compromisso com essas atividades.

Vale chamar atenção que esses casais se destacavam também por terem outros planos para sua vida além de trabalhar e voltar para casa para cuidar do lar e dos filhos. Eles fazem parte de uma geração mais ambiciosa, que ainda não estão satisfeitos com a vida. Estão atentos buscando novas oportunidades, seja de empregos, concursos, cursos superiores ou técnicos para agregar mais estabilidade financeira à família. Como é o caso de Larissa, 35 anos, dois filhos: ela descreve sua rotina:

A parte da manhã é a pior hora para mim. Por isso ele acorda mais cedo e já vai para cozinha fazer o almoço e o café. Eu corro para o quarto para ajeitar os meninos para dar café, e organizar eles para a escola. Ele sai antes de mim, mas já deixa o almoço feito. Eu deixo os meninos na creche e venho para cá, eu pego as 07hrs, quando saio daqui pego os meninos para levar para minha mãe, por que de tarde eu vou para faculdade, só lavo a louca a noite, e ainda tem os trabalhos do curso para fazer. Ele chega final da tarde e pega os meninos e ensina a tarefa para eles. E assim acaba o dia.

Pontuando as características de famílias como a de Larissa que mantém uma divisão equilibrada das tarefas. Podemos apontar algumas situações que colaboravam para a democratização ou não das atividades do lar. São elas: o jeito como a mulher se comportava, se é numa postura de amor próprio e busca por estabilidade no mercado de trabalho por meio do estudo; busca por empoderamento feminino por meio de várias situações, como: o enfrentamento de ciúmes, liberdade para escolher, cuidados estéticos, dedicação ao estudo e ao trabalho.

Nesse contexto vivido acima tornou-se um terreno fértil para que se iniciasse uma tendência dos companheiros e dos filhos à participarem da manutenção da vida do lar, pois as ações delas promoviam que isso acontecesse. Outro ponto que influencia a democratização das atividades do lar refere-se ao comportamento dos maridos. Caso estes apresentassem comportamentos típicos machistas, podendo ser expressos por: grosseria com filhos e esposa, rotina de alcoolismo e por vezes jogos, comportamentos extraconjugais sem a preocupação de esconder dos filhos e da esposa, violência doméstica física e simbólica. Os maridos que apresentavam estas e outras características semelhantes não participavam da rotina doméstica, alguns deles nem sequer participavam economicamente das despesas da casa. As suas ações demonstravam pouco compromisso com a esposa e com os filhos.

Por meio da exposição acima, percebemos que a mulher e o homem tem parte na transformação da democratização das atividades do lar. Percebendo isso fica ainda mais evidente de como esse fenômeno social é complexo. Não há uma receita pronta que se encaixe

em todas as realidades. Pessoas são diferentes e seus comportamentos não são fixos.

Vale ressaltar que as linhas que dividem as famílias com participação ativa dos maridos e dos filhos na rotina do lar não são demarcadas assim tão facilmente, existem outras nuances mais sutis que também influem na participação ou não dos outros membros na vida doméstica. As motivações e significados do fazer ou não as atividades de manutenção do lar são inumeráveis.

Por exemplo, o caso de Dona Tereza, 55 anos, ela relata que toda a casa é de responsabilidade dela. Que os filhos e o marido insistem em ajudar ou colocar alguém para ajudá-la, mas ela não quer. Analisando os depoimentos dela e sabendo dessa realidade por meio de conversas com as suas amigas, é possível sugerir que ela usa as atividades domésticas como uma maneira de manipular a atenção do marido e dos filhos. Ela demonstra em suas falas que manter a casa em ordem, trabalhar e cuidar da própria vida é uma forma dela obter valor positivo diante da família e dos demais parentes. Ela fala com muito orgulho relatando os diálogos com as visitas em sua casa: “Isso aqui foi eu que fiz!” “Está tudo limpinho porque eu limpei!” Ela ainda usava as atividades de casa como moeda de cobrança para conseguir presentes e passeios dos filhos e do marido, quando ela achasse que era necessário.

Dona Lúcia tem 46 anos, possui seis filhos e trabalha como servente da cozinha. Ela comenta com muita alegria todas as coisas que ela faz em casa. Nas conversas com as amigas durante o trabalho sempre encontra um momento para reafirmar o seu valor de mulher por meio das suas habilidades de cozinheira, mãe e voluntária em serviços da comunidade próximo a casa dela. Ela possui um dos filhos com deficiência nas pernas e mental que requer tempo e dedicação para levá-lo nas atividades rotineiras dele como: natação, fisioterapia, médicos e outras atividades assistenciais. Ela comenta:

Eu amo trabalhar. Eu não paro, meu dia todo é uma correria só. Levo o menino para natação, cuidado da minha casa que é grande, um primeiro andar, a noite depois de sair daqui eu ainda vou para as minhas atividades na comunidade. (...) Eu ando sempre assim como você pode ver, de lápis e batom, com minhas bijuterias, relógio e de cabelo em ordem. Não tenho o que reclamar eu tenho tempo para tudo. (Dona Lúcia)

Dona Lúcia durante nosso tempo de convivência estava sempre contente e disposta, embora que às vezes parecesse cansada, nunca se permitia dizer chateada ou com preguiça para alguma coisa. Havia nela uma disciplina corporal que a fazia gerenciar o tempo e as expressões para manter a imagem da mulher guerreira, lutadora, forte e eficiente. Diante das longas conversas que tínhamos enquanto ela providenciava tudo na cozinha da escola percebemos que o trabalho assalariado era um ambiente que agregava valor pessoal para ela. Exercendo um papel como de uma líder ela dava conselhos e se sentia um exemplo a ser seguido. Com sua rotina puxada ela sentia-se valorizada na medida em que se comparava com as outras que reclamavam da louça que ficou por lavar ou que as meias do marido estavam sujas e não dava mais para adiar a lavagem. Lúcia relata:

Na minha casa é assim: eu cozinho, mas não esquento comida para ninguém não. Cada um tem seu horário de comer, que chegue lá e esquento e depois deixo as coisas em ordem. Dobrar um lençol de manhã não mata ninguém. Meus filhos já sabem, levantou tem que dobrar os lençóis da cama. Cada um tem que cuidar das suas coisas, não tem esse negócio de tá levando toalha para um, roupa para outro, cada um que se vire. É isso ou eu não dava conta. Meu marido me ajuda muito com o meu que é deficiente, por que tem que da banho, subir e descer escadas. Ele faz tudo isso. Ele é um bom pai e um bom marido, me ajuda na medida do possível, por que ele também já é velho e ainda trabalha, mas até cozinhar ele faz quando eu não posso.

A forma como ela lida com a sua rotina e como percebe e faz seus trabalhos passa por um aprendizado social no qual várias mulheres são submetidas. Como afirma Le Breton (2009) o corpo é moldado socialmente. Ele se ajusta as exigências comportamentais que a cultura vigente exige. O corpo sofre uma influência da estrutura que impõe comportamentos diferentes para homens e mulheres e que legitimam as atividades do lar como sendo atribuição natural da mulher. Esse pensamento patriarcal que ainda sobrevive na mentalidade dos brasileiros foi herança do Brasil colonial e por muitos anos se desenvolveu fortemente nas famílias do nordeste brasileiro (FREYRE, 1963; CORREA, 1994; CASTELLS,



2001), moldando famílias em que o *pater* tinha o domínio sobre as mulheres e o poder dentro e fora da família. Os resquícios desse pensamento patriarcal machista faz com que mulheres como Dona Lúcia encarem os trabalhos domésticos como seus, moldando o seu corpo e o seu agir para dar conta de todos os afazeres. Até mesmo os seus pensamentos e sentimentos em sua rotina agitada giram em torno de um simbolismo de mulher que ela espera que os outros percebam como idealização de mulher que possui valor por meio do seu trabalho.

O sentido que Dona Lúcia atribui ao trabalho, seja este trabalho doméstico ou assalariado, é a autovalorização e a dignidade. Ela corre de um lado para outro para mostrar que pode dar conta de tudo. No seu lar ela cria modos para envolver os filhos que são todos homens para manter as coisas em ordem. Embora deixe claro que a maior parte das atividades de casa fique para ela. Mas ela se orgulha de ter uma casa limpa e em ordem, e da “ajuda” que recebe do marido. Diante disso, inferimos que a satisfação e o orgulho que ela tem quando diz que os homens da sua casa a ajudam, é um sinal que ela entende que essas atividades deveriam ser todas dela, por isso, que ela aparenta estar tão grata, por ver essas ações como ajuda.

Diante desses relatos tão diversos notamos como as histórias das mulheres passam por experiências diversas que as fazem atribuir sentidos diferenciados à ação de trabalhar e do significado que elas atribuem as suas próprias ações dentro e fora do lar. É uma questão de identidade incorporada que é definida por padrões de gênero que atuam sobre as mulheres em diferentes níveis e modos diferentes. Trabalhar fora e trabalhar em casa trazem elementos materiais que possibilitam o consumo para o desfrute da mulher e dos seus familiares; amplia a rede de contato com outras mulheres e homens; elas entram em contato com o mundo das histórias da vida dos outros, seus planos, sucessos e conflitos. Desfrutam de novas amizades, até mesmo com homens. Recebem afeto, apoio, elogios, e até mesmo são paqueradas nos locais onde trabalham.

Além disso, a rotina de sair de casa é apontada como um momento do dia em que elas dedicam algum cuidado com o corpo e a aparência de forma geral. Se arrumam como podem e com o que tem e se sentem apreciadas, valorizadas por outras pessoas, valorizando a sua autoestima, que em casa nem sempre ela tem estímulos

para isso. Conviver com outras pessoas chega a provocar nelas a percepção de que há exigências específicas para homens e mulheres. Percebem nas conversas de modo muito sutil que há desvantagens em relação aos seus maridos, “por que ser homem é chegar depois do trabalho, jantar e assistir o jornal sem se preocupar com nada.” As diferenças de gênero que promovem diferenças de atitude incomodam as mulheres, elas discutem e falam sobre isso, mas parece que o discurso proferido por elas com suas amigas ainda não é capaz de causar efeitos de mudanças mais robustas nas suas rotinas e nela mesma.

### c) Trabalho e violência doméstica

Heleieth Saffioti (2004) sugere que em pesquisas em que se deseje abordar a violência do homem contra as mulheres devemos utilizar o termo patriarcado. Pois a categoria de gênero por si só é insuficiente. Ela tornou-se generalista por pressupor desigualdades de caráter inter-relacional que abrangem homens e homens, mulheres e mulheres e entre homens e mulheres. Para ela, o uso do termo patriarcado restringe o olhar por que denota uma violência que ocorre diretamente dos homens contra as mulheres. Violência está que se caracteriza não somente por agressões físicas, mas sim como qualquer ruptura na integralidade sexual, social, material e de identidade da mulher, ou seja, ela percebe como uma agressão à totalidade da mulher, em todos os seus aspectos.

Tomamos aqui a violência doméstica como sugere Saffioti (2004) como uma manifestação de comportamento patriarcal nos dias atuais. No que se refere ao tema deste artigo, apontaremos aqui os problemas que surgem com o marido da vivência da esposa com a vida social no trabalho. Dona Valeria trabalha à aproximadamente dez anos na disciplina da escola. Acompanhou o desenvolvimento escolar de diversas famílias. E enquanto tecia o crochê que fazia para complementar a sua renda ela explicava como a vida era ao mesmo tempo difícil e empolgante para ela.

Mãe de cinco filhos, ela atualmente mora em casa própria, num terreno que herdou de seus parentes. Ela construiu a sua casa ao longo dos anos tijolo por tijolo com o que dava para fazer. Casada com um alcoólatra, que gostava de se divertir e gastar o que tinha e o que não tinha com diversão, jogos e mulheres, a história do relacionamento de Dona Valeria é permeada por dores e

humilhações que colecionou ao longo da vida.

Aos 63 anos ela relata que durante sua vida toda ela esteve três trabalhos formais de carteira assinada, e vários outros que não garantiam de salário certo no fim do mês. Esse serviço na escola era o terceiro e provavelmente o último. Casada aos 25 anos ela percebeu que devido ao padrão de vida que o marido levava que ela tinha que ter meios para sustentar a sua família e a ela mesma. O primeiro trabalho assalariado de sua vida surgiu neste momento, enquanto o marido “sumia nas festas e aparecia sem um tostão no bolso, cheio de razão e irritação”, comenta ela. Lidar com um relacionamento com um homem agressivo e que faltava com a responsabilidade com ela e com os filhos foi o fator motivador do trabalho de Dona Valeria naquela época. Xingamentos, humilhações, surras, ameaças de morte, compõe o leque de lembranças que ela possui do marido hoje falecido.

Para ela e para tantas outras com histórico de violência dentro do lar, a democratização das atividades domésticas está longe de parecer uma realidade. O valor que seu trabalho tinha para ela na época era questão de sobrevivência e ao mesmo tempo um lugar em que ela pudesse escapar da presença física ameaçadora do marido. Ela comenta:

Um dia ele apareceu todo fedendo das farras. Brabo como o diabo. Chegou pedindo comida e dei. Eu já estava de saída para vir para meu trabalho, foi quando ele começou a implicar e dizer que eu ia me encontrar com outro homem. Que era por causa disso que eu estava bonita e cheirosa. Por mais que eu explicasse não adiantava. E nesse dia logo após entrar no meu serviço, minhas amigas disseram que ele tava caído na esquina com um facão na mão, e com uma garrafa de cana na outra. Era assim que eu trabalhava, com o coração na mão, além de tudo ainda tinha que passar por humilhações desse tipo.

Para Dona Valeria a renda do trabalho construía sua casa tijolo por tijolo ao mesmo tempo em que o ambiente fora de casa lhe permitia “esfriar a cabeça” e construía uma alternativa da mulher que ela não podia ser em casa. Era o espaço social das relações em que ela se sentia segura. Espaço de interações no qual ela recebia apoio, afeto e acessava aspectos de sua identidade feminina que era massacrada em casa após as surras e bebedeiras

do marido. Em outras palavras, era trabalhando que Dona Valeria se sentia mulher, que podia decidir o que fazer em seguida, que podia receber valor por suas ações e por quem ela era. Reflexões e sensações que infelizmente ela não podia ter em casa.

Trabalhar era dar uma pausa na vida sofrida de violência doméstica por algumas horas, mas para ela não se tratou apenas disso. Durante o passar dos anos, o marido continuava a agir ofendendo, ameaçando e até batendo nela e nos filhos pequenos. Mas ocorreu que a casa na qual ela morava com os filhos no terreno dado pela família caiu durante uma chuva, e não tendo o que fazer ela vai viver um período na casa da mãe, com os filhos e com o marido.

A quebra na rotina em seu próprio núcleo para viver com a mãe e irmãos, provocou gradativamente em Dona Valeria a tomada de consciência de que aquela vida que ela vivia com os filhos não era a vida que ela queria para ela mesma. Nesse momento, ela arrumou outro emprego, era um de dia e outro a noite, e os filhos ainda pequenos eram cuidados pela mãe dela. Ela conta:

A imagem de ver a sua casa no chão é a coisa mais horrível do mundo. Podia ter caído em cima de nós, ai seria pior. Esse sem dúvida foi o pior período da minha vida. Por que uma coisa é aguentar as safadezas do marido e tapear na frente dos outros e outra é viver isso com todos da sua família olhando. Eu pensava todo dia: “eu tenho que fazer alguma coisa. Eu tenho que tomar coragem e reconstruir a minha casa e mudar a minha vida.” Foi quando arrumei o outro emprego à noite. E a cada salário eu ia lá comprava os tijolos e ajudava meu irmão a levantar as paredes nos sábados e domingos. E eu me erguia junto com as paredes. Meses depois que consegui colocar o telhado e me mudei para minha casa.. minha mesmo! por que fui eu que construí com minhas forças, meu dinheiro e minha mãos... Quando eu voltei eu vi que estava pronta para mudar de atitude. Enfrentei o meu marido, coloquei ele para fora de vez, e fui vivendo ainda com medo, mas na minha casa ela não mandava mais.

Esse depoimento muito rico e claro surgiu em uma entrevista que tomou o rumo mais de uma retrospectiva de como ela havia se tornado a mulher que ela era no momento em que me falava. Conforme aponta Magdalena Leon

(2001) o empoderamento traz características de mudanças tanto individuais quanto das relações sociais que a pessoa mantém. É um trabalho intersubjetivo de reconhecimento de suas restrições e da necessidade de reversão dessa atitude. Como vimos na história de Dona Valeria, as ferramentas que proporcionaram a ela a virada na sua história se construiu com a presença da necessidade de ter um teto para seus filhos, da vergonha de ser mal tratada na frente da mãe, e do esgotamento que durante tantos anos ela sofreu e foi infeliz nesse casamento. Trabalhar fora foi um dos recursos que ela utilizou para mudar a sua história para se emancipar diante dela mesma, mas o trabalho interno de conscientização que ela desenvolveu nos meses de construção das paredes da sua casa fez dela uma mulher mais forte e empoderada.

### Considerações finais: o que querem as várias mulheres

É notório que a sociedade por muitos anos tratou as mulheres da mesma forma como o fez com as crianças por muitos séculos, enxergando-as através de lentes de invisibilidade<sup>8</sup>. Mulheres que não podiam se imaginar com determinadas profissões, que não podiam falar em público, que não podiam tomar decisões sobre suas vidas, que não podiam votar, estudar, trabalhar e que não podiam exercer nem mesmo o controle sobre o próprio corpo. Como tem ocorrido com a maior parte de grupos minoritários, na história das mulheres foram empreendidas lutas que trouxeram vitórias de conscientização que foram alcançadas em longos períodos de tempo.

A mulher que trabalha além das fronteiras dos cômodos de sua casa, acessa outros dispositivos morais como, a disposição para a dupla jornada, a força, a coragem, a responsabilidade, o conhecimento e a vontade. O trabalho doméstico por muito tempo também indicou preceitos morais como, a questão da dignidade da mulher que consegue manter a sua casa limpa, organizada e todos os moradores de sua casa alimentados. Valores esses que forçava ainda mais a mulher a se sentir obrigada a executar essas tarefas como forma de obter reconhecimento social.

A categoria mulher não é unívoca, cada experiência recebe uma motivação diversa que coloca sentidos e decisões diversas à vida dessas mulheres. A observação de

<sup>8</sup> Para saber mais: Philippe Ariès (1978), “História social da infância e da família”.

campo deixou muitas questões para pesquisas posteriores por que nos trouxe uma categoria que contém mulheres diferentes. E como sugere Maria Pedro (2005), é impossível agrupar todas as mulheres dentro de um mesmo viés. Dentro do *locus* escolhido de pesquisa, percebemos que não há uma especificidade histórica e social de uma forma de “ser mulher”. “Ser mulher” e trabalhar “fora” ou em “casa” são valores sociais, comportamentos aprendidos que se revelam por meio das experiências, oportunidades de escolhas, modos de pensar e sentir que são distintos para as gerações e trajetórias de vida.

Sendo assim, existem diferenças internas na categoria “mulheres” e no modo como elas lidam com o trabalho seja ele doméstico ou assalariado. Consideramos deste modo, que as ações sociais que estão por trás da motivação e do significado que cada mulher atribui as suas ações dentro e fora de casa revelam aspectos culturais e políticos que revelam sutilezas no modo de pensar, sentir e agir que envolvem as mulheres ao longo de sua trajetória familiar e ao longo da história<sup>9</sup>.

Apontar que os motivos que levam mulheres, como Cibele, que trabalham para manter um status social familiar, que se caracteriza pelo desfrutar de aparelhos domésticos e roupas como valor pessoal é uma “alienação” do trabalho doméstico, seria pertinente? Não seria rotulá-la, colocá-la dentro de um grupo de necessidades que ela não percebe para ela. A consciência ou não do que deve ser “da mulher” e “do homem”, do que é “abuso”, “violência”, “dominação”, “submissão” são formas de pensamento social que são moldadas por meio da construção social que se modificam a cada instante.

Percebemos nos relatos fatos concretos que apresentam disparidades de salários, modos de como a trabalhadora é vista por seus colegas e até casos de assédio. Além disso, famílias em que se a mulher parar suas atividades a família para por que tudo depende exaustivamente dela. A desvalorização dos maridos e filhos

<sup>9</sup> Conceber a categoria “mulheres” dentro de um arcabouço político equivale representar democraticamente estas mulheres, além de abarcar as interpretações da mulher pelo que esta se sente como mulher. O conceito, portanto, deve ser democrático, ou seja, acessível e representativo de todas as mulheres. Deste modo, a análise de categoria “mulher” deve vir atrelada ao jogo de significações e sentidos diversos dentro desta categoria. É nesta perspectiva que nos apoiamos para desenvolver a análise das “mulheres”. Tal análise deve estar relacionada com o contexto, espaço e conjunto de significações específicas.

ao trabalho doméstico que além de não agradecerem ainda reclamam do modo como as coisas são feitas, maridos que tomam o salário da mulher por que afirmam que ela não sabe administrar dinheiro, todos esses exemplos saíram de algum momento da trajetória de vida dessas mulheres nas suas relações com o trabalho e com o marido, mas isso não quer dizer que podemos agrupar todos os homens como “dominadores” e “violentos” e todas as mulheres como “submissas” e “alienadas”. E nem muito menos taxar os trabalhos domésticos como “inferiores” e o trabalho remunerado da mulher um caminho de fuga da “prisão da vida doméstica” colocando ela rumo ao empoderamento.

Diante disso, as análises não são e não podem ser tão simplistas. O universo que envolvem as mulheres trata-se de um fenômeno complexo, cheios de nuances, com fortes pesos de estruturação cultural e social contínuas que impõe limites aos comportamentos das mulheres, mas que ao mesmo tempo oferecem recursos para que elas modifiquem padrões de violência que recebem do mundo masculino, machista e patriarcal de homens e também das próprias mulheres. A modificação social para relações mais harmônicas e equilibradas no que tange a valores das ações de homens e mulheres ocorrem gradativamente, mesmo nas histórias de vida que aparentemente o que sobressaem são aspectos de mulheres submissas, mas o que acontece é que os indivíduos são seres sociais em constante desenvolvimento e que estão em constante aprendizados e resignificados do que são e esperam de si e dos outros.

Dessa forma, fica o desafio de refletir sobre as variações e significados do “ser homem” e do “ser mulher” e de como as atividades realizadas por eles recebem valor social. O termo gênero reflete as relações sociais, contudo, ele por si não explica as construções, o funcionamento e as modificações ao longo dos tempos e espaços. Definir que o trabalho doméstico diminui a mulher ou o homem que a ele se dedica é uma atribuição que são as atividades que valorizam o indivíduo muito mais do que o indivíduo que atribui valor aos objetos de seu trabalho.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, H. Buarque (2004). “Família e relações de parentesco: contribuições antropológicas.” In: CARVALHO, José Sérgio. “Direitos humanos e educação para democracia”. Petrópolis: Vozes.

ÁRIES, Philippe (1978). “História da criança e da família”. Rio de Janeiro: LTC editora.

BRUSCHINI, M. C. Aranha (1990). “Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas”. Vértice, São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1996). “Fazendo as perguntas certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade?” IN: II Congresso Latino-americano de Sociologia do Trabalho, Águas de Lindóia. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/bdmulheres/extra1.php?area=extras>. Acesso: 12 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_ (2000). “Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?” In: ROCHA, M. (org.). “Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios”. Campinas: CEDEPLAR, 384p. p. 13-58.

\_\_\_\_\_. (2006) Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 23, n. 2, p. 331-353.

\_\_\_\_\_. (2007) “Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos”. *Cadernos de pesquisa*. V.37, n. 132, p. 537-572 set/dez

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha e RICOLDI, Arlene Martinez. (2009) “Família e Trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda”. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 136, p. 93-123.

BRUSCHINI, Cristina & LOMBARDI, Maria Rosa. (2000) A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Revista cadernos de Pesquisa*. São Paulo, N. 110, p.67-107, jul.

CASTELLLS, Manuel. (2001) “O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação.” In: “O poder da identidade.” Rio de Janeiro: Ed. Paz e terra.

CORRÊA, Marisa. (1999) “O sexo da dominação”. In: *Novos estudos CEBRAP*, n.54, julho.

- DONZELOT, Jacques. (1986) “A polícia das Famílias”. Rio de Janeiro: edições Graal.
- FRASER, Nancy. (2009) “O feminismo, o capitalismo e astúcia da história”. In: Dossiê contribuições do pensamento feministas para as ciências sociais. *Revista Mediações*, Londrina, V.14, N.2, p.11-33, jul\dez.
- FREYRE, Gilberto de Melo(1963). “Casa-Grande & Senzala”. 12ª ed. Brasileira: Brasília: Universidade de Brasília.
- GIDDENS, Anthony (2005). “As famílias.” In: “Sociologia”. 6ª Ed. Porto Alegre: Art Med.
- LE BRETON, David. (2009) “A sociologia do corpo.” Rio de Janeiro: vozes.
- LEON, Magdalena. (2001) “El empoderamiento de las mujeres: encuentro Del primer y tercer mundos em los estudios de género”. *Revista La Ventana*, N. 13.
- HIRATA, Helena. (2001) “Globalização e divisão sexual do trabalho.” *Cadernos Pagú*, v.17, n.2 P. 139-156.
- HIRATA, Helena & KERGOAT, Daniele. (2007) “Novas contribuições da divisão social do trabalho”. *Cadernos de pesquisa*. V. 37, N.132, P.595-609, Set/dez.
- \_\_\_\_\_. (2016). Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, p. 61-73.
- MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sérgio Ricardo; SHIRATORI, Ludmila. (2010) “Participação no Mercado de Trabalho e no Trabalho Doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?” *Revista Estudos Feministas*, v. 18, n. 2, p. 547-566.
- MADALOZZO, R. C.; ARTES, Rinaldo. (2017). “Escolhas profissionais e impactos no diferencial salarial entre homens e mulheres.” *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 47, p. 202-221.
- PEDRO, M. Joana (2005). “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.” *Revista História*, São Paulo. V.24, N.1, P.77-98.
- SAFFIOTI, Heleieth. (2004) “Gênero patriarcado e violência.” São Paulo: editora Perseu Abramo.
- SARTI, Cynthia,(1996). “A família como espelho”. São Paulo: autores Associados editora.
- SCOTT, Joan. (1990). “O gênero como categoria útil de análise.” Recife, *REVISTA SOS\CORPO*.
- \_\_\_\_\_. (2005) “O enigma da igualdade”. *Revista de Estudos Feministas*. Florianopolis, no 13(1): 216, jan/abr.
- VAISTMAN, Jeni. (1994) “Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós- modernas”. Rio de Janeiro.

Recebido em: 07/09/2016.

Aceito: 15/06/2017.